

DIACON, Todd A. *Millenarian vision, capitalist reality: Brazil's Contestado Rebellion, 1912-1916*. 2ª impressão. Durham and London: Duke University Press, 1995.

*Maria Amélia Alencar**

A Revolta do Contestado (divisa entre os Estado de Paraná e Santa Catarina, 1912-1916) tem sido objeto de estudos de autores locais e de importantes sociólogos. Entre os últimos citam-se Maria Isaura Pereira de Queiroz, Maurício Vinhas de Queiroz e Duglas Teixeira Monteiro.¹ O tema foi ainda incluído em diversos estudos sobre os movimentos messiânicos no Brasil. Faltava, porém, uma análise em profundidade, a partir da perspectiva da História.

Esta contribuição está sendo oferecida à historiografia brasileira por um jovem brasileiro, Todd A. Diacon, Professor Assistente na Universidade do Tennessee, em Knoxville. O interesse do Prof. Diacon pelo tema data da sua dissertação de Mestrado, defendida em 1983, quando fez um estudo comparativo entre o movimento do Contestado e a Guerra de Castas no Yucatán, México. O livro de que tratamos aqui foi, originalmente, sua tese de Doutorado, defendida em 1987 na Universidade de Wisconsin, Madison, e publicada em primeira edição em 1991.

Observa-se, neste trabalho, a profunda pesquisa de fontes, sejam elas entrevistas com sobreviventes do movimento gravadas em *video-tape* (1985) ou seja uma grande quantidade de fontes documentais de arquivos locais, nacionais e norte-americanos, característica dos bons trabalhos historiográficos. É o caso, por exemplo, do estudo sobre o

* Professora do Departamento de História da Universidade Federal de Goiás.

movimento de compra e venda de terras na região do Contestado, levantado pelo autor através da consulta a relatórios de diversos órgãos do Governo de Santa Catarina, entre 1907 e 1920. Nas demais obras sobre o tema, a mudança na estrutura fundiária, fundamental na compreensão da revolta, é apenas referida sem comprovação documental ou com base em fontes secundárias.

A obra está estruturada a partir da análise das relações econômicas e sociais que estavam estabelecidas na região do Contestado desde o século XIX. Numa economia de subsistência, com base na pecuária, em fazendas quase auto-suficientes, a mão-de-obra constituía-se de agregados e camaradas, homens de confiança dos coronéis locais. Entre patrões e clientes desenvolveu-se intensa rede de compadrio, que definia direitos e deveres para ambas as partes. Entre os direitos do cliente (camponês) estava o usufruto da terra do patrão; em contrapartida, aquele prestava serviço na lida com o gado ou em outros serviços pessoais. O autor ressalta aqui o duplo papel do proprietário de terras, como patrão e padrinho, exercendo um controle sobre a vida material e espiritual de seus clientes. Apesar das relações de compadrio, a violência era um aspecto sempre presente nessas relações. Identificado com o aspecto sagrado, o padrinho via reforçada a superioridade do patrão.

No início do nosso século, o Contestado foi atingido por uma rápida mudança nos padrões materiais e culturais. Em 1906, o empresário norte-americano Percival Farquhar comprou, do Governo Federal, uma concessão para construir uma estrada de ferro ligando o Sul do Brasil, cujo traçado corta a região do Contestado. Em 1907, a Brazil Railway criou uma subsidiária, a Southern Brazil Lumber and Colonization Co., que se lançou à compra de terras de florestas na região de Três Barras, Paraná. Ali foi construída a maior madeireira da América do Sul, inaugurada em 1911.

Pela mesma época, os governos do Paraná e Santa Catarina deram início a um grande projeto de colonização, atraindo para a região imigrantes poloneses.

A partir de então, o Contestado foi atingido por uma imensa transformação que, em menos de uma década, revolucionaria os padrões tradicionais. A análise da relação entre os governos dos dois Estados, a Brazil Railway Company e os proprietários de terra na região revela um processo de expulsão dos camponeses da terra. Esta, com seu valor

aumentado em até dez vezes, passou a ser objeto de comercialização por parte do governo (que alienou terras devolutas, porém ocupadas por milhares de posseiros) e de proprietários locais. A Brazil Railway expulsou moradores ao tomar posse das terras concedidas ao longo da linha e a Southern Brazil Lumber and Colonization comprou grandes florestas, onde a erva-mate nativa constituía importante fonte de renda para os camponeses. Proprietários de terra expulsaram antigos agregados.

A estrutura fundiária da região sofreu profundas alterações no espaço de uma década, a primeira do nosso século. Os camponeses viram ameaçado o modelo econômico de subsistência, da mesma forma que as relações patrão-cliente também se alteravam, na medida em que o capital internacional penetrava na região e se associava à elite local.

Esta associação entre as elites locais e as forças de transformação representadas pelo capital internacional, concretizado na estrada de ferro, gerou a ruptura da relação patrão-cliente, sacralizada pelo compadrio. Os fazendeiros, rompendo os laços com sua clientela, passaram a contratar trabalhadores para suas terras e muitos tornaram-se agenciadores de mão-de-obra para a estrada de ferro e para a madeireira. O rápido crescimento econômico e populacional da região, atraindo trabalhadores das grandes cidades brasileiras, como Rio de Janeiro e Recife, desencadeou também um novo tipo de violência – cidades eram saqueadas e as lutas eram constantes entre os próprios trabalhadores entre estes e as forças policiais, como relatam os jornais da época. As elites, na luta pela terra, também não ficavam fora do quadro de violência crescente.

Aqui reside um dos pontos mais importantes da análise do autor. A expulsão da terra e a ameaça à economia tradicional de subsistência explicam a Revolta do Contestado de uma perspectiva material e econômica. O movimento, entretanto, tem origem numa crise muito mais profunda: para além dos aspectos materiais e sociais, a crise no Contestado teve uma dimensão espiritual (grifo nosso).

A explicação do caráter milenarista da Revolta é encontrada, para o autor, na ruptura da relação patrão-cliente.

A especificidade do movimento, sua pregação em favor de uma regeneração moral da sociedade, da volta da monarquia e da criação de cidades santas revelam uma dimensão que ultrapassa os limites das

relações econômicas e sociais. Trabalhando com o instrumental teórico elaborado pelo antropólogo Clifford Geertz (*Interpretation of cultures*, New York, 1973) Todd Diacon encontra, no Contestado, uma ruptura entre o *ethos* e a visão de mundo, ou entre valores e a percepção do mundo real numa dada sociedade.

No caso do Contestado, a entrada do capitalismo e a mudança no comportamento dos patrões-padrinhos, que abandonaram seus deveres tradicionais de suporte material e espiritual de seus clientes-afilhados, geraram uma crise interna de valores, de insegurança e culpa. Segundo o autor:

A chave para entender movimentos milenaristas reside na análise de seu apelo para aqueles que sofrem uma crise interior de valores. O imaginário milenarista fala das ofensas morais de um povo. Prega a regeneração moral de uma sociedade e a necessidade de salvação. O povo é encorajado a construir um novo mundo sagrado para substituir o atual, dominado pelo mal. (p. 132)

O movimento milenarista prometia recriar os laços entre o *ethos* e a visão de mundo. Nas cidades santas, esses laços foram restabelecidos e quase todos os patrões que aderiram ao movimento assumiram papel de liderança. O passo seguinte, para os revoltosos, seria atacar a ameaça externa, representada pela estrada de ferro e pelos patrões renitentes, que haviam se tornado inimigos.

Com base nessa análise, Diacon questiona a interpretação de que a Revolta do Contestado foi simplesmente uma luta de classes. Não foi também uma rebelião política em que camponeses se levantaram para destruir a classe dos proprietários, interpretação corrente na historiografia brasileira dos anos 60. No entanto, o autor reconhece nas ações dos rebeldes contra seus próprios líderes – punições quando não agiam de acordo com as normas sagradas – uma conotação de classe, impedindo a manipulação do movimento pelos chefes. Assim, embora não fosse revolucionário em sua essência, uma vez que o objetivo era a restauração dos laços patrão-cliente, tal restauração incluía novas normas de comportamento para a elite, em contraste com as relações tradicionais, pré-capitalistas, anteriores à revolta.

Revisitando o Contestado a partir dos participantes da revolta, Todd Diacon redimensiona a dinâmica interna dos movimentos

mileneristas. Seu estudo abre novas possibilidades de abordagem para os movimentos como o de Juazeiro do Padre Cícero e outros com características similares. Da mesma forma, a pesquisa em arquivos locais e regionais possibilita o adensamento da história política do Brasil na Primeira República, dando nova ênfase às relações entre o rural e o urbano.

Trata-se, portanto, de obra fundamental para todos aqueles que se dedicam ao estudo da Primeira República no Brasil.

Notas

- 1 QUEIROZ, Maria Isaura P. "La Guerre Sainte" au Brésil: le mouvement messianique du "Contestado". *Boletim. USP*, n. 185, 1957.
QUEIROZ, Maurício Vinhas de. *Messianismo e conflito social, a Guerra Sertaneja do Contestado, 1912-1916*. 2 ed. São Paulo: Ática, 1977. (1ª edição 1966).
MONTEIRO, Duglas Teixeira. *Os errantes do novo século, um estudo sobre o surto milenerista do Contestado*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1974.